



A proposito de uma petrographia encontrada na fazenda do Mucambo em Itapipoca

«Para mim merece mais interesse do que a decifração das inscrições, tão duvidosa e problematica, a sua distribuição geographica sobre o continente sul americano e as conclusões que permittem a respeito da extensão e immigração antiga dos povos que as fizeram».

Von Ihering (Civil. Prehist. do Brasil Meridional).

Achando-me em passeio pela região da Uruburetama fui informado que, não longe da fazenda do Mucambo, existia certa pedra coberta de caracteres extravagantes e desconhecidos, pelo que lhe adviera o nome de *Pedra Ferrada*.

Como não me parecesse constar tal inscrição dos livros e artigos sobre epigraphia brasileira (1), facto que posteriormente verifiquei ser exacto, resolvi visitá-la.

(1)—O Ceará é talvez, depois do Amazonas, o Estado da Republica em que ha referencias a maior numero de letreiros lapidares. Deve-se isso em grande parte ao Pe. Francisco Corrêa Felles de Menezes que, buscando descobrir alfaias, riquezas e thesouros occultos pelos hollandezes e jesuitas, percorreu varias vezes os sertões nordestinos e encontrou aqui nada menos de 122 petrographias e lithoglyphos. T. Arripe, de quem colhi o informe, dá-nos dellas longa e minuciosa relação, extrahida do livro «Lamentação Brasileira», obra daquelle Sacerdote. A's inscrições assignaladas por Corrêa Felles deve-se juntar ainda as patenteadas por Whitfield, entre a Serra Grande e da Meruoca, e João Nogueira, na Casa da Pedra.

A excursão era, na opinião das pessoas que conheciam a região, perigosíssima. O pesado inverno afrouxara a terra dos morros, que deveria transpor, produzindo nelles grandes «*derretimentos*»; por outro lado os ophideos fugidos ás varzeas inundadas abundavam nas serras.

Venceu, porém, a curiosidade e sobretudo o desejo de conhecer *de visu* um desses phantasticos documentos da nossa pre-historia.

Pagou-me a pena da longa travessia de quasi duas leguas e a canseira da subida ingreme e difficil, a magnificencia do panorama, que me foi então dado contemplar; as petrographias de que, auxiliado pelo engenheiro Sebastião R. Alves, tirei copia mais ou menos fiel, eram assás interessantes.

Apresentavam-se traçadas com tinta vermelha (2) sobre a parede de uma gruta bastante ampla e representavam numerosos grupos de silhuetas, dispostos com regularidade em series parallelas. Alguns desenhos se viam junto á abobada da gruta, em altura superior a dois metros.

Das silhuetas humanas, motivo ornamental,

(2)—A composição da substancia tinctorial usada pelos indigenas em seus debuxos é ainda desconhecida. Martius, um dos mais operosos e mais idoneos investigadores das coisas brasileiras, no justo dizer de Alfredo de Carvalho, julgou-a provavelmente feita d'um barro vermelho, misturado com urucú e dissolvido em azeite; João Nogueira pensa ser a tinta empregada identica á de que ainda hoje se servem os oleiros do Ceará, na ornamentação de objectos ceramicos. E' possivel que assim seja, pois Jayme Reis encontrou petrographias coloridas em azul e amarello e D. Jaguaribe, em preto. A inscripção da serra do Ererê é de um dichromismo interessantissimo. A mim me pareceu a tinta confeccionada com a materia corante extrahida de certos lichens abundantes na região, e que dão ás rochas uma bella cor vermelha muito semelhante á dos desenhos que examinei.

Trouxe um pouco dos referidos cryptogamos, no intuito de extrahir delles o principio corante; submetti-os á acção de varios dissolventes, não logrando, porém, resultado.

E' questão a esclarecer.

eram umas perfeitamente visíveis, outras já n distinctas, devido á acção do tempo e á desaggação da rocha sobre que se achavam desenhadas e apresentavam sempre o mesmo aspecto. O tronco, pescoço e cabeça eram expressos por um traço unico espesso e recto, do qual partiam quatro linhas mais delgadas,—duas, da extremidade inferior, representavam os membros podalicos, e duas da união do quarto superior com os tres quartos inferiores do tronco, eram os membros cephalicos.

Desenhando o torso ora erecto, ora inclinado para a direita ou para a esquerda, e fazendoahir os antebraços e pernas em angulos de aberrações as mais variaveis sobre as côxas e braços conseguiu o artista dar ás suas figuras uma multiplicidade de attitudes verdadeiramente notáveis. Os individuos assim esboçados variavam tambem de tamanho, mas nelles se não percebiam nem pés nem mãos.

Além dos desenhos apontados distinguia-se mais, perfeitamente nitida e clara, a silhueta de um bovideo a pastar; via-se tambem uma ave de longas azas abertas, esta, porém, de feitura muito indimentar.

As inscrições lapidares abundantes em nosa paiz e em toda a America, nas rochas que margeiam os rios e lagos, nos serrotes e penhas nas grutas e lapas, occultas nas caatingas e cavernhados, tem despertado a attenção dos estudiosos desde as eras coloniaes. Yves d'Évreux e Gabriel Soares as mencionam e dellas fallam os chronicistas e viajantes antigos.

Modernamente, quasi todos os naturalistas e viajantes assignalam a sua existencia.

Estudaram-na, entre nós, com carinho, cuidadosamente, Tapajós, Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, Capanema, Porto Seguro, Taunay, Fernandes Pinheiro, Cunha Mattos, T. Araripe, Ladis

Netto, Severiano da Fonseca, G. Tocantins, Jayme Reis, João Nogueira, Alfredo de Carvalho e Th. Sampaio, grande numero de estrangeiros e sobretudo Koch Grünenberg.

Que representam e quem traçou esses mysteriosos signaes ?

Os aborigenes, por certo os primeiros interrogados a respeito, nada sabiam responder,—rezam os chronistas—e allegavam para justificar a sua ignorancia o terem-n'os visto sempre ali desde a infancia.

Outros, comtudo,—taes são as informações que nos dão os viajantes modernos—fazem do ignoto artista, que as esboçou ou esculpiu, um remoto antepassado de seu povo, um heroe, cuja lembrança é conservada nos mythos e lendas de sua tribu (Sumé, Yapericuli dos Tarianas, Queri, Caru-Sacaebé dos Mundurucús), ou attribuem-nas a genios, gnomos ou demonios e por isso delles se approximam timidos e apprehensivos.

O nosso sertanejo, herdeiro da extraordinaria faculdade imaginativa do selvicola, na mania de tudo querer explicar, dá aos desenhos, que descobre, as mais phantasiosas e extravagantes interpretações. Para a credulidade popular são elles a obra de pagés ou feiticeiros africanos, «marcos de thesouros soterrados», indicios de riquezas occultas pelos flamengos ou jesuitas. Cabe notar que essas duas ultimas explicações muito se approximam das que propuzeram os primeiros desbravadores do *hinterland* brasileiro.

No conceito do meu informante de Itapipoca, servia a inscripção da *Pedra Ferrada* para assignalar uma rica mina de salitre, que ainda não descobrira mas de cuja existencia não tinha duvidas.

Os estudiosos, que modernamente têm examinado a curiosa questão da epigraphia brasileira, emittem a respeito do valor documental das ins-

cripções lapidares opiniões as mais desencontradas e discordantes.

Assim, pretendem uns, que o artista tenha querido deixar indelevel na rocha a historia da tribu (Jaguaribe), registrar acções guerreiras, comemorar victorias notaveis e acontecimentos importantes (Ehrenreich, In Thurn, Ernest); outros, vêem nas petrographias o «quadro grandioso de antiga civilização indigena» (Chaffanjan), o attestado de «um gráo de cultura mais elevado entre indigenas de outr'ora» (Humboldt, Richard, Schornburgk), «maravilhosos e estupendos monumentos hieroglyphos de um povo» (Cunha Mattos), «obra de antigos habitantes que, em antiguidade e importancia cultural, talvez, não ficassem aquem dos Mexicanos e Peruanos» (Whitfield), ou ainda, «figuras destinadas a afugentar os demonios» (J. Crevaux), marcar territorio e dividir povos.

Perceberam-se nas lapides toscamente executadas imagens de sóes, luas e serpentes, e foram os sabios levados a attribuir-lhes caracter religioso (Hartt e Martius), ou o «valor de mysteriosos symbolos da cosmographia indigena» (B. Rodrigues).

Descobriram-se, gravados nas pedras, signaes que lembram vagamente os emblemas da ultima dynastia peruana e isso induziu Leuzinger a concluir serem ellas as balizas, que marcam as grandes invasões quichúas.

Desenharam os indigenas brasileiros comexagerado realismo as figuras humanas e eis porque Kunert vê nessas rudimentares manifestações artisticas, attestado flagrante da licenciosidade dos incolas primitivos de nossos sertões, e outros, a prova incontestavel da phallolatria entre selvícolas americanos. (Brown e L. Netto).

A abundancia de lithoglyphos nos rochedos, que margêam os rios, levou a phantasia dos viajantes a suppol-os destinados a assignalar lugares de naufragios ou pontos piscosos, e, final-

mente, a Stradelli a consideral-os signaes convencionaes, constituindo documentos historicos que talvez registam antigas migrações e foram collocados em pontos importantes afim de indicarem o caminho ás seguintes.

Todas essas opinões, mencionadas por Alfredo de Carvalho, foram por elle vantajosamente combatidas em seu livro «PREHISTORIA SUL-AMERICANA». Nessa obra magnifica e digna de ser por todos consultada, apoiado nos demorados e conscienciosos trabalhos de Koch, Gruenberg, Malley e Andree conclue elle que nada autorisa a attribuir essas inscrições lapidares a uma civilização superior hoje extincta e são «sempre ociosos e grosseiros primordios de uma arte primitiva e rude, guiada tão somente pela phantasia», simples *ludus homini*.

Theodoro Sampaio, numa these de vastissima erudição, que apresentou, em 1915, ao 1.º congresso de Historia Nacional, volta a insistir sobre o valor das petrographias e dos lithoglyphos. Estuda o terror e a supersticiosa veneração que lhes votam os indigenas; observa a frequencia das petrographias nas paredes e tectos das grutas, na face abrigada de rochedos, na escarpa ingreme das penedias, nos serros que bordam as cachoeiras e rapidos; pretende que a tinta era de confecção difficil e por isso não a gastariam descuidosos os indigenas (3); mostra a existencia quasi constante de igaçabas, fragmentos ceramicos e carvão ao pé das inscrições; e deduz que «de ordinario,

(3) — «O preparo da tinta, diz Th. Sampaio, quasi indelevel que resiste por seculos á acção do tempo exige cuidado e trabalho, que não se compadecem com o emprego futil dos momentos de ociosidade. O indio que grava na pedra ou desenha na mesma pedra um signal ou uma figura qualquer, dependente isto de material que lhe exige custoso e previo trabalho, não brinca, reflecte um pensamento que lhe merece o esforço despendido».

assignalam a morada dos mortos, os jazigos ou necropoles dos incolas primitivos e têm a sua significação funerea.

Talvez esteja com a razão o illustre membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, é possível que as inscrições lapidares servissem e sirvam ainda para marcar *sítios funereos*, hypogeus ou simples sepulturas; os argumentos que evocam não me parecem, todavia, muito ponderosos.

Sinão vejamos: Sustenta Th. Sampaio ser de preparo difficil a tinta usada nas petrographias e por isso d'ella não lançaria mão o selvicola sem fim utilitario. Ora não se acha assente fosse o aborigene brasileiro dotado do sentimento de previdencia, que lhe atribue implicitamente o autor. Bem ao contrario, parece demonstrado que essa qualidade moral, apanagio dos povos de cultura elevada, é mesmo incompativel com o desenvolvimento intellectual e com a indole negligente e desleixada do bugre.

Supponhamos, porém, que seja verdadeira a observação do autor da these; ainda assim, nada provaria elle com tal argumento, porquanto as pinturas bem poderiam ter sido feitas pelos caboclos para avaliar o gráo de homogeneidade e apreciar a tonalidade da tinta a ser empregada na pintura de seus corpos, de suas armas e utensilios.

Allega o douto indianologo em pról de suas idéas a existencia de artefactos indigenas na circumvisinhança de grande numero de inscrições lapidares, a ausencia quasi absoluta de petrographias em lugares desabrigados, e o respeito que lhes votam os selvagens. A isso seria licito objectar-se que os artefactos encontrados talvez proviessem, como pensa Martius, de antigos aldeamentos antes do que de cemiterios indigenas; quanto ao terror manifestado pelos bugres ante as inscrições lapidares (receio que, aliás, não é

assignalado por todos os viajantes), poderia proceder de facil impressionalidade de que são dotados e que os leva a ver nos lithoglyphos, onde existe esboçada a figura de *itrapari*, não a imagem, mas o proprio ser representado, a sua obra ou a sua moradia; ou ainda lhes vinha, não da propria inscripção, mas da configuração do rochedo, do aspecto local em que, de ordinario, se encontram.

A ausencia de petrographias em lugares desabrigados nada demonstra tambem. Muito mais accetavel e logico, é, me parece, admittir-se que as pinturas expostas ás intemperies tenham sido desfeitas por ellas, conservando-se indeleveis apenas as que existiam nas grutas e cavernas, do que pensar-se ter o gentio escolhido previamente lugares abrigados para esboçal-as.

Que lhes era indifferente o local para darem larga ás suas tendencias artisticas, prova-o a existencia de algumas petrographias e innumeraveis lithoglyphos—mais resistentes estes á acção do tempo—em rochas desprotegidas.

Assim, em meio de tanta controversia, subsistem apenas as judiciosas palavras de Ihering, evocadas ao começar o nosso artigo. E é para servir aos competentes e aos profissionaes que queiram lançar mão das petrographias para seus estudos que aqui deixo assignalada a existencia da *Pedra Ferrada*.

Em 2—20—1924.

Carlos Studart Filho.